



**Operadora:**

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 2T08. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação.

Caso precise da ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar \*0. Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br), site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas, que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas dos negócios do Banco, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais, portanto estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje estão os senhores: Aldo Luiz Mendes, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e Relações com Investidores; Pedro Carlos de Mello, Contador Geral; Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente Geral de Relações com Investidores; e Gustavo de Faria Barros, Gerente Executivo de Controladoria.

Inicialmente, o Sr. Aldo apresentará o resultado do 2T08 em grandes linhas e, em seguida, o Sr. Geovanne apresentará detalhes deste resultado. Ao final, os executivos responderão às questões que forem formuladas.

Agora passo a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes. Por favor, Sr. Aldo, queira prosseguir.

**Aldo Luiz Mendes:**

Obrigado. Bom dia a todos. Sejam todos muito bem-vindos à nossa teleconferência. Antes de passar a palavra ao Geovanne, que vai fazer uma apresentação mais detalhada dos números, eu gostaria de destacar alguns pontos do desempenho do Banco do Brasil neste trimestre.

Em primeiro lugar, o lucro líquido, que cresceu 53,9% na visão de um ano, e alcançou praticamente R\$1,6 bilhão agora no 2T08. No crédito, o Banco atingiu R\$190 bilhões, e com foco nas operações com pessoas físicas; isso porque nossa carteira cresceu mais do que a indústria, uma expansão de 31% em 12 meses, e de 10% no trimestre, considerando a carteira total de crédito do Banco do Brasil. Se considerarmos, também, os avais e as fianças, o total desta carteira ampliada ultrapassa o marco de R\$200 bilhões em crédito.

Foi forte crescimento da carteira de crédito e foi fundamental para que expandisse a margem financeira bruta do Banco do Brasil, que cresceu 4,6% no trimestre, e alcançou R\$5,7 bilhões. É relevante dizer que, além de beneficiar a margem, o crescimento do crédito permitiu também mudança no *mix* dos ativos rentáveis. Pela primeira vez, as operações de crédito e leasing do Banco passaram a responder por mais de 50% dos ativos.



É importante ressaltar, ainda, que o crescimento da carteira de crédito foi acompanhado pela manutenção da qualidade desse crédito, ficando o índice de inadimplência estável, com as operações vencidas há mais de 60 dias em 2,8% do total da carteira.

Pelo lado das receitas, nós podemos confirmar que as estratégias que foram traçadas para a continuidade dos nossos negócios fizeram frente aos impactos advindos da regulamentação que disciplinou a cobrança de tarifas bancárias para pessoas físicas, especialmente as tarifas oriundas de operações de crédito. Em 12 meses, nós crescemos 8% as nossas receitas de prestação de serviços, e no trimestre, o incremento foi de 2,5%.

O avanço dos nossos negócios também tem proporcionado a manutenção da nossa liderança como o maior banco do País. Encerramos o 2T08 com R\$416 bilhões em ativos, considerada a consolidação das empresas não-financeiras do conglomerado BB. Mas é importante ressaltar que o Banco permanece como o maior banco do Brasil, mesmo considerando apenas o grupo financeiro do conglomerado.

De forma a crescer os nossos ativos, em especial a nossa carteira de crédito, nós temos direcionado nossos esforços para intensificar as captações em depósitos. Assim, outra liderança mantida pelo Banco ao final do trimestre foi em depósitos totais, que somaram R\$195 bilhões.

Nossa confiança no futuro é bastante forte, nós acreditamos nos investimentos que estamos fazendo e que temos feito, expandindo nossos negócios, e aperfeiçoar o relacionamento com os nossos clientes, esperando gerar, cada vez mais, valor para os nossos acionistas.

Agradeço então a atenção de vocês, e passo agora a palavra ao Geovanne. Fico à disposição na sessão de perguntas e respostas. Obrigado.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Bom dia a todos. Muito obrigado, Aldo. Vou passar agora ao slide número três e, como o Aldo disse, o lucro líquido do Banco do Brasil no 2T foi de R\$1,6 bilhão, que correspondeu a um retorno sobre o patrimônio líquido de 27,9%. E se excluirmos os efeitos extraordinários do período, o lucro é de R\$1,4 bilhão, com retorno recorrente sobre o PL de 24,6%; um pouco abaixo do trimestre anterior, todavia em linha com o nosso *guidance*, que é entre 23% e 27% no ano.

Passando agora ao slide de número quatro, nós podemos ver o detalhamento dos efeitos extraordinários que compuseram o resultado do 2T08. Ele foi impactado positivamente por R\$181 milhões.

Ao fazermos a equação do mais e do menos destes itens, nós podemos observar R\$142 milhões positivos oriundos da venda da participação na Telemar, conforme divulgado em Fato Relevante; foram somados mais R\$110 milhões na forma de eficiência tributária – o Banco fez uma revisão especial de despesas que poderiam ser passivas de dedutibilidade –; e pelo lado das despesas, nós contabilizamos extraordinariamente R\$36 milhões já líquidos de impostos de provisão para demandas cíveis, relativas a planos econômicos; e também R\$36 milhões de despesas com a substituição da base de cartões para unidades com chip. O Banco do Brasil tomou



esta decisão até mesmo com o objetivo de melhorar a segurança nas transações com cartão de crédito e, conseqüentemente, reduzir fraudes, e isso impactou as despesas operacionais do Banco em R\$36 milhões líquidos de impostos. Deduzidos esses efeitos extraordinários, o lucro recorrente, então, foi de R\$1,463 bilhão.

No slide cinco, nós podemos ver os principais itens que contribuíram para a formação do lucro recorrente do Banco do Brasil, que foram: maiores ganhos na intermediação financeira, e também aumento nas receitas de prestação de serviços.

Por outro lado, nós tivemos o crescimento nas provisões para risco de crédito totalmente em linha com o crescimento da carteira média de crédito; tivemos também uma expansão das despesas administrativas em função do nosso crescimento orgânico; e também de outras despesas operacionais, em função de amortização dos investimentos realizados na aquisição de folhas de pagamento, além do crescimento de despesas com segurança, com marketing. Mais adiante, nós detalharemos cada item destes.

Passando agora para o slide número seis, eu gostaria de me deter um pouco mais sobre a análise da margem financeira bruta. Nós podemos observar que essa margem, após uma relativa estabilidade verificada no 1T08, cresceu 4,6% no 2T em função de uma redução no nível de despesas da intermediação, ou seja, despesa da captação, e manutenção dos ganhos com a intermediação pelo lado das receitas.

Em relação às despesas, notem que elas caíram de R\$5,5 bilhões no 1T08 para R\$5,2 bilhões no 2T, refletindo uma redução do custo das captações em mercado aberto e também dos depósitos a prazo, mostrando e confirmando o excelente *mix* de funding que o Banco do Brasil possui.

É importante ressaltar aqui, também, que o foco dado pela Administração do Banco para o crescimento da carteira de crédito, especialmente no segmento de pessoas físicas, foi fundamental para a manutenção do número de receitas com operação de crédito, como também poderemos ver à frente.

Mesmo assim, observamos, na visão semestral, o crescimento, também, da margem financeira bruta, que saiu de R\$10,2 bilhões para R\$11,2 bilhões no 1S08.

No slide sete, nós notamos, no gráfico à esquerda, que, na visão de 12 meses, a Selic média e o spread do Banco do Brasil apresentaram tendências de redução, e a partir do 2T, já com a mudança na política monetária do País, esta Selic aumentou, passando para 11,5%, e o spread do Banco reagiu positivamente, ficando em 7,3%.

Uma pequena melhora no spread, na comparação com o 1T08, que é explicada principalmente pela mudança no *mix* de ativos, cuja maior exposição se encontra, ainda, na carteira de crédito de pessoas jurídicas, agronegócios e carteira de títulos pós-fixados; mas começamos a perceber o crescimento forte da carteira de crédito voltada para as pessoas físicas.

É importante ressaltar que, no 2T, as operações compromissadas com grandes clientes, que tiveram forte crescimento no 1T, e que ajudaram a derrubar nosso spread para o patamar de 7,2%, ainda mantêm-se em um patamar elevado e contribuem para a redução do spread global do Banco do Brasil, em níveis abaixo do *guidance* que nós tínhamos dado ao mercado, entre 7,5% e 8%.



Já no gráfico à direita, nós mostramos o comportamento do spread por carteira. É importante ressaltar aqui que o spread tem recuado ao longo dos trimestres, não só em função da redução da Selic, mas também em função de uma maior competição no setor financeiro, e devido a incremento de operações de crédito com menores taxas.

Em um ano, essa série de fatores causou uma redução de 536 b.p. no spread médio das operações com pessoas físicas; esse spread caiu de 28,8% no 2T07 para 23,4% em 2008. Eu gostaria de lembrar que o foco do crescimento da carteira de pessoas físicas do Banco do Brasil é no crédito consignado, que possui, por natureza, um retorno menor, uma vez que o risco é bem menor também, e agora, mais recentemente, na carteira de veículos.

Já os spreads voltados para operações com pessoas jurídicas e agronegócios apresentaram menor oscilação no período; eu diria que a elasticidade desses spreads a movimentos na taxa Selic é bem menor. Isso, de certa forma, contribuiu para amortecer a queda do spread total da carteira de crédito, que saiu de em torno de 10,8% para 9,4% no 2T08.

Apesar da redução, a carteira de pessoa física continua tendo um spread mais atrativo; aqui vale lembrar que a ênfase do Banco do Brasil para o crescimento do crédito é no consignado e financiamento a veículos, lógico, e também, recentemente, nas operações com cartões de crédito. No 1T contabilizamos aquele crédito que é parcelado pelo lojista, que não rende juros; todavia, impacta também a formação do spread dessa carteira.

A redução verificada no spread da carteira de pessoa jurídica aconteceu fundamentalmente pelo incremento de operações cuja estruturação comportou menores taxas de juros, mas que foram compensadas com outras receitas.

Já em relação ao spread do agronegócio, este eu diria que se manteve estável na comparação com o trimestre anterior, mas notem que esta queda deve-se principalmente ao menor volume de receitas de equalização e também devido ao crescimento forte de operações voltadas ao segmento agroindustrial, que também apresenta menores taxas de juros.

No slide oito, apresentamos aqui uma nova lâmina. Nós buscamos apurar a contribuição efetiva de cada uma das fontes de receita para a formação da margem financeira do Banco, aberta aqui em suas principais linhas de negócio, confrontando as receitas financeiras e o custo de oportunidade.

Aqui, nós temos um retrato claro de que o crescimento da margem financeira do Banco foi motivado principalmente pelo resultado com as operações de crédito, que apresentam forte incremento tanto na visão trimestral como também na comparação com o mesmo período do ano passado.

Nós podemos observar que o resultado financeiro da carteira de crédito do Banco cresceu 6,6% no trimestre e 13,5% em relação ao 2T07. E ainda, que o resultado financeiro oriundo dessas operações representou 67% do ganho financeiro do Banco, da margem financeira bruta, com destaque para o resultado das operações com pessoas físicas, que respondeu por 35% da margem.



Contudo, é importante ressaltar que o resultado adicionado pelas operações direcionadas a pessoas jurídicas vem crescendo em ritmo superior ao das pessoas físicas, tanto na comparação trimestral quanto na comparação anual.

Além disso, o resultado originado no crédito do agronegócio registrou retração na comparação anual em função do menor volume de receitas de equalização. Todavia, no trimestre houve um crescimento de 8,9% nessa linha, totalmente em linha com a expansão do volume das operações do agronegócio.

Por outro lado, houve redução da participação relativa dos demais itens que compõem a margem, e nominalmente do item demais, composto principalmente pelo resultado de tesouraria do Banco do Brasil. Mais uma vez, reforço que este movimento decorre do foco dado pela Administração do Banco no crescimento de crédito.

Passando agora para o slide nove, nós vemos o comportamento do *mix* de captação do Banco do Brasil no 2T em relação ao período anterior e ao mesmo período do ano passado, além de uma comparação do nosso custo de captação nas diferentes linhas de funding em relação à Selic.

Enquanto verificamos o incremento total dos depósitos e das captações do mercado aberto, podemos perceber a oscilação do saldo em cada uma das linhas dos três períodos analisados e o reflexo dessa mudança de *mix* na redução do custo de captação do Banco do Brasil em relação à Selic.

A Selic, tanto em relação ao 2T como principalmente em relação ao 1T, nós percebemos uma queda de 140 b.p. neste custo, enquanto a Selic cresceu 70 b.p. no período. A redução do custo médio das captações totais do Banco foi ocasionada fundamentalmente pela menor participação das captações em mercado aberto, que têm um custo mais alto, e também pelo incremento de captações menos onerosas, principalmente em depósitos a prazo. Eu chamaria a atenção também para o crescimento de depósitos judiciais, que é considerado na linha de depósitos a prazo.

No slide dez, nós podemos ver que nossa carteira de crédito apresentou um desempenho bastante expressivo e atingiu um saldo superior a R\$190 bilhões, um crescimento de 30,9% em 12 meses e 10% no trimestre, acima do crescimento da indústria. E o Banco do Brasil ganhou, então, participação no mercado, finalizando o semestre com quase 17% de participação.

Se nós considerarmos somente a carteira de crédito no País, ou seja, praticamente você anula o efeito do USD nas operações de crédito que estão “bookadas” lá fora, o desempenho foi melhor ainda. Foi um crescimento de 35,6% em 12 meses, e também superamos o crescimento da indústria, que foi de 33,4% nesse período.

Os destaques aqui foram para a carteira de pessoas físicas, que cresceu 45% em 12 meses e 10,6% no trimestre; crédito à pessoa jurídica, que cresceu 38,9% no ano e 13,2% no trimestre; e o crescimento das operações com pessoas jurídicas do agronegócio, que também foi muito expressivo, montando 80% em 12 meses e 16,4% no trimestre. O objetivo deste foco em operações com agroindústrias, pessoas jurídicas de agronegócios, foi em função da necessidade de reduzir o risco desta carteira principalmente à exposição ao cliente pessoa física.

Passando para o slide 11, nós temos a abertura da carteira de pessoas físicas. No segmento, os principais destaques continuam sendo crédito consignado e o





financiamento a veículos. As operações de crédito consignado totalizaram R\$14 bilhões, uma evolução de 37,9% em 12 meses e 9,8% no trimestre. Junto com a estratégia de crescer negócios com folhas de pagamento, o Banco também focou seu crescimento nas operações que chamamos de CDC Salário, onde tivemos um crescimento expressivo de 51% em 12 meses. É um CDC dado àqueles clientes que recebem seus proventos pelo Banco do Brasil.

E já a carteira de financiamento a veículos, que foi reestruturada a partir de 2006, passou de R\$1,7 bilhão em junho de 2007 para R\$4,7 bilhões em junho de 2008, ou seja, um crescimento astronômico de 173%, colocando o Banco do Brasil bem próximo à meta de R\$6 bilhões nesta carteira para o final de 2008. Em comparação com março, o crescimento desta carteira foi de 33%, e a participação do mercado do Banco do Brasil já atinge 5%.

No slide 12, nós abrimos os R\$78 bilhões destinados à pessoa jurídica, mostrando que a evolução deste saldo foi equilibrada tanto no crescimento com as operações voltadas para micro e pequenas empresas, que cresceram quase 37% no ano e 14% no trimestre, quanto para as operações com médias e grandes empresas, que cresceram cerca de 40% em 12 meses e 13% no 2T08.

No slide de número 13, nós podemos observar que as despesas de provisão sobre o total da carteira permaneceram em linha com o *guidance* anual, em torno de 3,7% a 4% da carteira média total; nós finalizamos o trimestre com 3,6% neste indicador. E em termos de valores absolutos, estas despesas ficaram em um patamar próximo a R\$1,7 bilhão. Houve um incremento aproximado de R\$150 milhões em relação ao trimestre anterior, em linha também com o crescimento da carteira.

Já no slide 14, nós podemos verificar o retorno do risco médio da carteira para o patamar de 5,4%, e a estabilidade das operações vencidas há mais de 60 dias. A relação provisão total/carteira de crédito é de 30 b.p. pela locação de provisão adicional para as provisões regulamentares. O índice de inadimplência, conforme o Aldo mencionou no início, está estável em 2,8%.

No slide 15, nós observamos que as receitas de prestação de serviços totalizaram R\$2,6 bilhões, um crescimento de 8% em 12 meses e de 2,5% em relação ao trimestre anterior, apesar do ambiente mais restritivo para as tarifas em função da Resolução do Conselho Monetário Nacional 3518. Esta resolução disciplinou a cobrança de tarifas bancárias para as pessoas físicas, e nós podemos observar que um dos reflexos foi o desempenho das tarifas oriundas de operações de crédito, que foram as mais afetadas. Elas apresentaram uma retração de 2,2% na comparação anual e de 13% na comparação trimestral, em função da extinção da chamada Taxa de Abertura de Crédito, ou TAC.

Em compensação, as tarifas de conta corrente foram beneficiadas pelo fim do período de isenção de tarifas concedido pelo Banco do Brasil aos beneficiários das folhas de pagamento do Estado da Bahia e Minas Gerais. O crescimento da base de clientes e também o incremento no volume de negócios realizado pelos correntistas ajudaram a minimizar o impacto desta nova regulamentação no nível de tarifas do Banco do Brasil, surpreendendo positivamente, inclusive, nossa expectativa.

Adicionalmente, eu gostaria de destacar aqui o crescimento dos negócios envolvendo cartões de crédito, fundos de cobrança, todos colaboraram expressivamente para o aumento da participação das respectivas receitas no total de receitas de prestação de



serviços e também contribuíram para a redução do impacto esperado com esta nova regulamentação.

O slide 16 ajuda bem a explicar o desempenho das tarifas com cartões de crédito. Como vocês podem ver, a base de cartões atingiu 75 milhões de plásticos emitidos, sendo que 23,7 milhões são cartões de crédito, cujo incremento foi de 12,4% no trimestre, e nosso *guidance* é alcançar, ao final do ano, 25 milhões de cartões de crédito emitidos para celebrar os 200 anos do Banco do Brasil.

Nós registramos um faturamento total de quase R\$15 bilhões em cartões de crédito e débito, um crescimento de quase 27% em relação ao mesmo período do ano anterior. Foi maior que o crescimento médio da indústria de cartões, que foi de 24,5% em faturamento, conforme dados da Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços.

No tocante às despesas administrativas, eu gostaria de discutir este ponto agora no slide 17; aqui estão diversos aspectos negociários que são totalmente compatíveis com a estratégia de crescimento orgânico do Banco do Brasil e que explicam o desempenho das despesas administrativas. Elas, aqui compreendendo despesas de pessoal e outras despesas administrativas, totalizaram R\$3,6 bilhões no trimestre, um crescimento de 10,4% sobre o mesmo período do ano passado, e de 6,3% sobre o trimestre anterior, em linha, então, conforme eu mencionei, com o crescimento orgânico dos negócios.

O crescimento de outras despesas administrativas foi de 2,9% no trimestre e de 7,7% na comparação de 12 meses, também em linha com a inflação do período. Em relação às despesas de pessoal, nós observamos um crescimento de 2,8% em 12 meses e de 9,3% no trimestre, e que nós gostaríamos de detalhar a seguir.

Além disso, gostaria de destacar a relação de despesas administrativas sobre ativos totais médios, excetuando-se os de liquidez, que vêm apresentando queda. Esse indicador saiu de 1,5% em junho de 2007 para 1,3% em junho de 2008.

O slide 18 se ocupa em detalhar a movimentação das despesas de pessoal. A variação nos últimos 12 meses é explicada pelo aumento do quadro médio de pessoal em 2.800 funcionários; nós implementamos no ano passado um programa de aposentadoria incentivada, onde mais de 7.000 funcionários saíram do Banco do Brasil e nós estamos repondo este quadro.

Além disso, as despesas de pessoal aumentaram também na comparação com o mesmo período do ano passado em função de um aumento salarial de 6%, que foi concedido na data base em setembro de 2007; e houve, também, neste período a alteração da alíquota do seguro para acidente de trabalho, que costumava ser de 1% para o setor financeiro, e a partir de agora, desde meados do ano passado, passou a ser de 3%. E pela contabilização de R\$84 milhões – este foi um efeito que aconteceu aqui somente no 2T07 – para ajuste do saldo de provisões administrativas para pagamentos de benefícios que já foram concedidos aos funcionários. É a chamada licença prêmio, férias, de outras provisões administrativas e que foi feita uma atualização com base em índices de inflação. Este último efeito explica também o crescimento das despesas de pessoal sobre o 1T08.

E aqui é importante destacar que houve, de fato, uma redução de R\$44 milhões a título de demais efeitos na demonstração, mas que se deve principalmente à



economia de despesas decorrente do plano de afastamento antecipado, implementado ao final do 1S08. É a substituição dos funcionários que saíram, pela aposentadoria, que custavam bem mais, por novos funcionários, que têm um custo menor para o Banco do Brasil.

No slide 19, nós podemos ver os itens que influenciaram no comportamento das outras despesas administrativas, e a variação sobre o 1T é basicamente explicada por questões sazonais do trimestre anterior, principalmente no que diz respeito às despesas com marketing e relações públicas.

No slide 20, nós fazemos, aqui, alguns números estruturais do Banco do Brasil. Notem que o número de funcionários cresceu mais de 6% em 12 meses e 1% no trimestre, e atingimos o total de 84.300 trabalhadores. Além disso, podemos ver no gráfico abaixo que a nossa redistribuição se manteve estável no decorrer do trimestre, houve algumas adequações e transformações de postos de atendimento em agências com o intuito de se adequar à expansão da base de clientes Banco do Brasil, mas continuamos no patamar de 15.400 pontos de atendimento.

No slide 21, nós mostramos outros indicadores. Notem que a produtividade está melhorando, ativos por colaborador está aumentando, colaborador por agência está relativamente estável, na casa dos 17, e também clientes por colaborador está aumentando, está próximo a 300 clientes por colaborador.

Agora, no slide 22, é uma lâmina nova que nós gostaríamos de apresentar a vocês trazendo os outros componentes do resultado. Aqui nós fazemos uma abertura de outras despesas operacionais, destacando o chamado Prêmio Estável a Clientes. Este valor compõe as notas explicativas das demonstrações contábeis do Banco do Brasil e abriga os valores decorrentes da aquisição de folhas de pagamento e também dos prêmios pagos para os depósitos judiciais.

Como vocês podem ver, refletido aqui no gráfico, o início das demonstrações das folhas adquiridas em 2007 começou a se dar a partir de 2008, especialmente as folhas de Minas Gerais e Bahia, que ensejaram maiores níveis na linha de prêmios pagos a clientes. E é importante destacar que essas despesas são mais do que compensadas pela geração de negócios, que são materializados em crescimento da margem financeira e também das receitas com tarifas, e que as folhas adquiridas recentemente ainda não estão na fase plena de maturação.

Notem, quando olhamos o volume dessas despesas na visão semestral, nós saltamos de R\$188 milhões no 1S07 para R\$544 milhões de amortização no 1S08. Nós acreditamos que todo crescimento implementado com essa estratégia de aquisição de folhas de pagamento e também de depósitos judiciais, na medida em que vão amadurecendo ao longo do tempo, terão capacidade total de cobrir o aumento dessas despesas.

Passando para o slide 23, observamos nos nossos outros indicadores de produtividade, o índice de cobertura das despesas de pessoal com tarifas atingiu 130,9%, o índice de eficiência também apresentou uma relativa estabilidade. Na realidade, houve uma pequena piora desse índice, que saiu de 43,6% no 1T08 para 45% no 2T08, desconsiderados aqui os eventos extraordinários. Se nós considerarmos o impacto dos eventos extraordinários, o índice de eficiência teria sido em torno de 44%.





Trazendo mais alguns indicadores, agora no slide 24, nós podemos ver que a relação crédito-depósitos totais atingiu 97,2%, um incremento forte, de 630 b.p.no trimestre, refletindo forte crescimento do crédito, mas ainda indicando um pouco de folga em relação a esse indicador.

Além disso, no gráfico à direita podemos ver o comportamento do nosso índice de Basiléia do consolidado financeiro, que encerrou o trimestre em 13,1%. Este índice garante uma margem de alavancagem de R\$48,8 bilhões, para o Banco do Brasil expandir seus ativos ponderador a 100% do risco.

E cabe aqui esclarecer que a queda de 220 b.p. nesse nosso índice de Basiléia foi causada principalmente por dois fatores. Primeiro, o forte crescimento na nossa carteira de crédito; e segundo, a necessidade de conformidade com o Artigo 4º da Resolução do Conselho Monetário Nacional 3059, que determinou que a partir de junho deste ano, para fins de apuração do índice de Basiléia, sejam excluídos do patrimônio de referência os créditos tributários que ultrapassam 40% do patrimônio de referência nível 1; ou seja, tudo aquilo que ultrapassar 40% de créditos tributários do patrimônio de referência, nível 1, deve ser 100% abatido para efeito de cálculo do índice de Basiléia.

No slide número 25, trazemos a consolidação da participação proporcional das empresas com participação do Banco do Brasil de Investimentos, as principais linhas do balanço patrimonial e também das demonstrações consolidadas econômico-financeiras. Aqui é possível observarmos que os ativos totais consolidados chegaram a R\$416 bilhões, colocando o Banco do Brasil, incontestavelmente, como líder em ativos do setor financeiro brasileiro.

Já no slide 26, nós podemos ver as premissas macroeconômicas que norteiam os *guidances* que nós passamos para o mercado. E por falar em *guidance*, eu gostaria de passar para o slide número 27, onde gostaríamos de tecer algumas considerações a respeito dos *guidances* para 2008, que foram informados na última teleconferência.

Quando comparamos com o 2T07, o desempenho do Banco do Brasil no 2T08 confirma uma parte grande das estimativas divulgadas pelo Banco do Brasil. Diante do que podemos observar, estamos mantendo algumas dessas expectativas e ajustando outras.

Seguindo a tabela, nós podemos ver que a provisão sobre a carteira total manteve-se em um patamar estável sobre o trimestre anterior, e abaixo do intervalo projetado para 2008, que é de 3,7% a 4% da carteira. Isso revela uma boa qualidade das operações de crédito do Banco e o equacionamento do crédito rural. Em função disso, nós confirmamos o *guidance* para 2008 neste patamar, de 3,7% a 4% da carteira.

As despesas administrativas, por sua vez, cresceram 10,4% na visão de 12 meses, um pouco acima do intervalo projetado para o ano. Contudo, em função do controle de despesas que o Banco vem implementando, e também da excepcionalidade de algumas despesas incorridas no 2T08, nós manteremos o *guidance* de crescimento das despesas administrativas, de 7% a 10% para todo o ano de 2008.

Em relação a retorno sobre o patrimônio líquido recorrente, embora o retorno do 2T08 tenha sido abaixo do trimestre anterior, ele continua em linha com as projeções informadas pelo Banco, que é um retorno sobre o patrimônio líquido de 23% a 27%, anualizado.



Em relação a cartões de crédito, observamos 23,7 milhões de cartões emitidos no 2T e, para o ano, o objetivo é alcançar 25 milhões, e estamos mantendo esta meta.

Em relação à carteira de crédito, o spread médio, depósitos totais, receita de prestação de serviços e taxa efetiva de imposto, nesses itens nós estamos revisando o *guidance* para melhor adequá-lo ao observado até agora.

Como a carteira de crédito cresceu, no 2T, 30,9% em relação ao mesmo período do ano anterior, acreditamos que o patamar de crescimento em 2008 precisa ser alterado, então colocamos um *range*, e esse *range* será de 25% a 30%, com os seguintes destaques: crescimento liderado pelo crédito a pessoas físicas, que deverá crescer entre 35% e 40%; e a carteira de crédito para pessoas jurídicas, esperamos crescê-las de 30% a 35%. A revisão dessas projeções de crescimento do crédito reflete o foco do Banco no crédito a pessoas físicas, e também a expectativa de manutenção do crescimento do crédito no Sistema Financeiro Nacional nos atuais patamares até o final deste ano, apesar do aperto monetário e também do cenário internacional desfavorável.

O spread médio registrou ligeira recuperação no 2T08, alcançando 7,3%. Contudo, em função do aumento dos custos de captação e da redução dos spreads das operações de crédito, acreditamos que a alta observada neste trimestre não será suficiente para reverter a tendência iniciada no trimestre anterior. Além disso, apesar do forte crescimento observado em operações de crédito com spreads mais elevados, como as operações destinadas a pessoas físicas, a margem dessas carteiras vem caindo, o que comprime o spread total.

Finalmente, projetamos novas elevações na taxa básica de juros até o final do ano, com reflexos no custo de captação, e acreditamos que o spread para o final de 2008 deverá se manter dentro de um intervalo de 7% a 7,5%. Ou seja, estamos revendo nosso *guidance*, ao invés de um spread entre 7,5% a 8%, esperamos um spread anualizado de 7% a 7,5%.

Em relação a depósitos totais, o Banco está direcionando seus esforços para intensificar as captações, de forma a manter o crescimento da carteira de crédito dentro das projeções. Então, estamos ajustando o *guidance*, e ao invés de um crescimento de depósitos entre 15% e 20%, estamos revisando para cima, esperando crescer nossos depósitos entre 18% e 22%.

Já para as receitas de prestação de serviços, apesar do crescimento do 2T08 ter ficado dentro do projetado para o período de um ano, mesmo com o impacto da nova Resolução do Banco Central sobre tarifas, nós decidimos estabelecer um *range* para o *guidance*, um intervalo de crescimento que reflita melhor o ambiente mais restritivo à expansão das tarifas e também ao aumento da competitividade no setor. Assim, acreditamos que as receitas de prestação de serviços deverão crescer entre 5% e 8%.

Em função das gestões realizadas pelo Banco para melhoria na eficiência tributária, e também pela decisão de ativar parte do crédito tributário gerado pelo aumento na alíquota da contribuição social sobre o lucro líquido, estamos ajustando a taxa efetiva de imposto, estabelecendo também um intervalo. Esperamos que a taxa efetiva de imposto encerre 2008 entre 26% e 28% do lucro antes de impostos, abatidas daí as despesas com participação em lucros e resultados, a chamada PLR.



Antes de encerrar nossa teleconferência, eu gostaria de voltar a palavra para o Aldo, que fará alguns comentários breves sobre as recentes iniciativas estratégicas anunciadas pelo Banco. Por favor, Aldo.

**Aldo Luiz Mendes:**

Obrigado, Geovanne. Lembrando a vocês algumas das novas fronteiras que o Banco vem trabalhando, como aparece no slide 28 da nossa apresentação.

Em primeiro lugar, a nossa parceria no segmento de financiamento de automóveis, recentemente anunciada. Estamos criando uma financeira, em um regime de joint venture com um banco estrangeiro que ainda não atua no Brasil, e a idéia é colocar foco no financiamento a veículos.

Anunciamos também ao mercado recentemente a aquisição que fizemos da parte do nosso sócio na companhia de seguros de vida e seguros gerais, a Aliança do Brasil, que passa a ser 100% do Banco do Brasil, e vai nos permitir reformular um pouco o cardápio de produtos que essa companhia oferece e vende através do nosso balcão, e consideramos um movimento estratégico muito importante para o Banco do Brasil.

Lembro também o crédito imobiliário, uma fronteira nova, que abrimos recentemente em função de autorização concedida pelo Conselho Monetário Nacional, para que o Banco do Brasil aloque parte da sua captação em poupança ao crédito imobiliário.

Temos também a fronteira que está aberta de aquisições; estamos estudando, e como todo o mercado sabe, já foi iniciada a possibilidade de incorporação do Banco do Estado de Santa Catarina e também do Banco Nossa Caixa de São Paulo.

E, por fim, a expansão dos nossos negócios no exterior; recentemente nós anunciamos ao mercado a abertura de um banco de varejo nos Estados Unidos, com a idéia de melhor atender a população brasileira que lá vive, reside e trabalha, e que percebemos que não encontrou ainda um banco que tenha seu perfil, sua cara, seu jeito, e a gente entende que isso é um nicho muito importante para a atuação do Banco.

Em síntese, essas são as cinco grandes iniciativas que estamos levando adiante, as cinco maiores fronteiras que nós abrimos recentemente e estamos colocando em prática todas as medidas necessárias para avançar nesses pontos.

Agora podemos abrir a sessão de perguntas e respostas, e ficamos à disposição dos senhores para eventuais esclarecimentos.

**Carlos Firetti, Bradesco Corretora:**

Bom dia a todos. Eu queria que vocês falassem um pouco sobre o ambiente competitivo que vocês estão vendo no segmento de consignado; essa carteira tem crescido bastante para vocês, e é uma carteira bastante rentável, até pela forma como vocês fazem essa operação. Mas, aparentemente, este segmento está ainda no nível de competição, até algumas pessoas falando de margens apertando um pouco, e eu queria ouvir de vocês sobre isso.



E também, se possível, eu gostaria que vocês dessem um *update* sobre o processo de incorporação da Nossa Caixa e do BESC, muito mais falando de prazos para conclusão dos processos.

**Aldo Luiz Mendes:**

Sobre o consignado, de fato é uma arena bastante competitiva. Mas o Banco do Brasil atua com foco grande no segmento de funcionários públicos; nós temos a folha de um grande número de estados, somos um banco bastante ativo junto aos servidores federais. É uma arena competitiva, mas temos conseguido crescer graças à possibilidade que temos de praticar taxas bastante competitivas.

Nós temos um funding que é relativamente mais barato que o dos nossos competidores, isso nos permite ser agressivos em taxas, além da própria escala que nós temos, que também nos permite praticar taxas agressivas.

Então, o fato de nós sermos também um banco que apresenta conveniência a esses servidores, pelo número de agências, pelo fato de estarmos com postos físicos junto às repartições, por termos um grande número de terminais de auto-atendimento; a escala do Banco e o custo do nosso funding fazem com que nos situemos muito bem nesse ambiente competitivo, e continuaremos com foco nesse negócio, porque acreditamos nele, tem sido um negócio bastante rentável e bem-sucedido para o Banco.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Se eu puder adicionar, Aldo, é importante lembrar, Firetti, que o apenas 10% dessa carteira de funcionários públicos é voltado para aposentados do INSS, que é a arena onde os demais bancos estão se engalfinhando, competindo muito agressivamente com a figura dos *[inaudível]* reduzindo os ganhos.

E é importante você olhar uma linha que nós abrimos no *disclosure* da carteira de crédito, que é o chamado CDC Salário. O consignado é muito regulamentado, especialmente, se é o consignado voltado para pensionistas e aposentados do INSS. E em função desse limite de endividamento, no máximo 30% da prestação etc., o CDC Salário é como se fosse um complemento, porque ele é dado exclusivamente para aqueles funcionários que recebem os seus proventos pelo Banco do Brasil, ou seja, tem a tal da conta-salário, e é um reforço para a alavancagem do cliente na hora em que ele atinge o limite previsto para um consignado.

O CDC Salário tem taxas bastante atrativas, o risco é bem menor, porque ele é feito praticamente com base no recebível, que é o salário mensal que aquele correntista vai receber.

Então o Banco do Brasil está bastante confortável nesse segmento, em que pese ser uma carteira hoje bem mais madura; a gente vem falando desde o *road show* do ano passado que a nossa meta era chegar aos 20% de participação no mercado, estamos quase lá, com mais de 19% de participação, 19,7% para ser mais exato.

Acreditamos que o ambiente competitivo está aí, o Banco tem sido agressivo na precificação, você nota o impacto disso no spread da carteira de pessoa física, que tem caído, mas mesmo assim é bastante atrativo, é um spread muito bom e a um risco baixíssimo, e isso que tem permitido ao Banco alavancar essa carteira.



**Aldo Luiz Mendes:**

Com relação ao segundo ponto da sua questão, sobre prazos e incorporações, nós temos realizado todos os esforços para cumprir os cronogramas, que são os seguintes: no caso de BESC, e é meramente uma tentativa esse cronograma, estamos mirando e nos esforçando para que tenhamos essa operação concluída até o final de setembro; e no caso da Nossa Caixa, se tudo correr bem, até o final de novembro. Mas volto a dizer que são cronogramas de tentativas, e todos os esforços estão sendo feitos para que eles sejam cumpridos.

**Carlos Firetti:**

OK. Muito obrigado.

**Jorg Friedemann, Merrill Lynch:**

Bom dia, senhores. Eu tenho, na verdade, duas perguntas. A primeira diz respeito à carteira de crédito vencida. Eu queria só entender os efeitos que levaram as operações vencidas acima de 15 dias a recuarem, enquanto a gente olha uma deterioração nas carteiras acima de 60 e acima de 90 dias. Só entender qual foi esse efeito no vencido há pouco tempo. Essa é a primeira pergunta.

A segunda pergunta se refere aos efeitos de equalização. Eu gostaria de entender a que se deve essa manutenção da equalização nesses níveis de quase R\$300 milhões quando era esperado que as receitas de equalização começassem a desacelerar. O que vocês estão vendo para o próximo ano-safra que deve ter se iniciado já em julho? O que vocês vêem para o próximo ano-safra em termos de equalização? Obrigado.

**Aldo Luiz Mendes:**

Deixe-me começar pela sua pergunta número dois, enquanto o Geovanne está pesquisando os números para lhe responder a número um.

Com relação à equalização, o que você deve esperar para o próximo ano-safra é algo muito próximo à safra anterior. Em grandes números, ela pode chegar a R\$1 bilhão, como estava esperado chegar na safra anterior. Então, não espere nenhuma grande alteração, para mais ou para menos, no que diz respeito à receita de equalização; o acordo com o Tesouro Nacional foi mantido praticamente nas mesmas bases do que ocorreu na safra anterior.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Jorg, de fato, operações vencidas há mais de 60 dias, 90 dias, estão relativamente estáveis, e nós temos uma área de recuperação que tem atuado muito fortemente para trazer as operações para a normalidade. Não tem nenhum efeito extraordinário que tenha provocado essa redução do volume; saiu de 4,4% da carteira, operações vencidas há mais de 15 dias, para 3,6%.

Muitas operações, a partir do décimo quinto dia de atraso, se for para operações de pessoas físicas já vai a carta de cobrança, avisando que está em atraso, pedindo para regularizar; há todo o trabalho das agências, que vão atrás, que ligam, e isso impacta inclusive o orçamento das agências, esses indicadores de atraso, que vão atrás dos





clientes para regularizar. E por último, a gente terceiriza a cobrança quando se trata de operações pulverizadas, massificadas.

Eu particularmente não tenho nenhuma justificativa maior, se não o efeito mesmo de cobrar e de buscar evitar que essas operações se estendam por mais tempo em atraso.

Não sei se a turma que está em Brasília teria alguma coisa a adicionar sobre essa resposta; se quiserem, sintam-se à vontade.

**Gilberto, Banco do Brasil:**

Não, Geovanne. Está bem respondido.

**Jorg Friedemann:**

OK. Eu gostaria também de entender um ponto em relação a essa parte de provisionamento. Vocês consumiram um pouco das reservas adicionais nesse período. Isso foi para cobrir algum problema em alguma carteira específica, como, por exemplo, o rural? A que se deveu isso?

**Aldo Luiz Mendes:**

Na realidade, Jorg, a gente usou isso até por uma questão de revisão das metodologias que estávamos adotando para a carteira de pessoas físicas. Resolvemos fazer uma readequação das provisões para aqueles créditos que estão sendo feitos junto com parceiros.

Então, se você perceber lá, houve um aumento do crescimento das operações D-H na carteira de pessoas físicas. Trouxemos para dentro da nossa metodologia essas operações que estavam sendo feitas fora do Banco, e isso provocou alguns ajustes pontuais na carteira de pessoas físicas, embora o atraso esteja sob controle. É muito mais uma decisão prudencial do Banco do Brasil mesmo, em robustecer a provisão para a carteira de pessoas físicas, em função deste cenário mais restritivo de aumento de taxas de juros que nós estamos enfrentando agora.

**Jorg Friedemann:**

Está perfeito. Muito obrigado.

**Maria Laura Pessoa, Unibanco:**

Bom dia a todos. Na verdade, eu tenho três pequenas perguntas. A primeira é saber, do total de financiamento de veículos que vemos, quanto disso é leasing? A segunda pergunta é o que aconteceu com suas receitas de *asset management* no trimestre, que realmente cresceram 9%, foi um crescimento bastante robusto, se houve alguma coisa nova, enfim, porque o momento da indústria de fundos não é dos melhores e realmente me chamou a atenção. E por fim, se o *guidance* de custo já está incorporando a expectativa de uma negociação salarial dos bancários mais elevada, eu sei que vocês às vezes acabam não cumprindo com o mesmo tempo que os privados para ter esses reajustes, essas negociações; mas como isso deve impactar, tendo em vista a inflação maior para este ano? Obrigada.



**Aldo Luiz Mendes:**

Deixe-me começar pela sua última pergunta, e vou passar as duas primeiras para o Geovanne. Com relação à manutenção do *guidance* de custos, sim, ele incorpora expectativas já do dissídio coletivo da categoria, que ocorre em setembro. Agora, como nós temos feito nos últimos anos, também neste ano nós estamos alinhados com a Fenaban. O Banco do Brasil participa da chama Mesa Única de negociação, onde de um lado você tem a Fenaban, representando praticamente a totalidade dos bancos, e do outro lado, uma chamada Comissão de Empresas, representando a totalidade dos empregados.

É uma mesa única de negociação, então não deve haver motivo para que nosso acordo ocorra antes ou depois do que ocorre para a categoria como um todo. Ele acontece no mesmo momento porque o acordo é único para todo mundo. Mas, voltando ao *guidance*, está incluída, sim, a expectativa de reajuste salarial.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Em relação ao CDC leasing, a maior parte é de CDC ainda, mas já vimos crescendo as operações com leasing. Eu não sei se o Gilberto, lá em Brasília, tem aberta esta informação.

**Gilberto, Banco do Brasil:**

R\$426 milhões.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

R\$426 milhões é leasing, o resto todo é CDC. Então, o coração ainda é CDC. Em relação ao crescimento das receitas com o *asset management*, ele é fruto mesmo do crescimento da expansão do volume de recursos administrados. Temos uma parcela grande de fundos que são de renda fixa, mas o Banco tem aumentado significativamente a parcela de renda variável e isso permite ao Banco contabilizar ganhos melhores, uma vez que na parte de renda fixa é mais complicado ficar ajustando taxa de administração, e acabamos tendo que reduzir muito isso ao longo do tempo, devido à maior competição no ano passado. Mas basicamente reflete a expansão das carteiras administradas, nada muito fora do normal.

**Maria Laura Pessoa:**

OK. Muito obrigada.

**Carlos Macedo, Goldman Sachs:**

Bom dia a todos. Uma pergunta, na verdade, meio combinada, com relação à Basiléia e ao *guidance* de crescimento. A Basiléia de vocês, o nível 1 está abaixo de 9, está em 13,1, como o Geovanne disse e está aqui no relatório de vocês, tem um nível de alavancagem em potencial de R\$43 bilhões. O problema é que R\$43 bilhões, se vocês fizerem mais dois trimestres iguais ao último trimestre, vocês já chegam lá ou muito próximo disso.

Então, olhando o *guidance* de crescimento de crédito de vocês, se você colocar no topo do *guidance* de crédito, dá um crescimento de 30% ano sobre ano, que implica



um crescimento de 4,5% nos próximos dois trimestres. É um ritmo muito mais lento do que vimos no último trimestre. Minha pergunta é: vocês esperam reduzir velocidade de crescimento da carteira para não ter problema com Basileia, para refletir uma demanda, ou é conservadorismo? E em que linhas devemos ver o crescimento ser menos forte do que foi neste 2T trimestre?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Gostaria quanto a esta queda na Basileia, sua pergunta está correta, nós estamos atentos, estamos percebendo isso, sim. Mas já para tranquilizar, a partir de julho, em função da nova regulamentação da Basileia 2, estamos aumentando este índice em praticamente 100 b.p. Mas claro que estamos atentos, porque nós não queremos atrapalhar o crescimento do crédito em função de índice de capital, e só foi a esse patamar em função dessa regulamentação do Banco Central, que passou a exigir que aquilo que excedesse 40% do patrimônio líquido em termos de crédito tributário fosse integralmente abatido do índice de Basileia.

Existem questões que podem ser feitas para você melhorar este indicador; uma delas, sem dúvida alguma, é a incorporação desses outros bancos, que estamos estudando, que vão dar reforço de capital para o Banco do Brasil, e isso temos condições de estar equacionando ao longo do 2S, provavelmente.

Podemos estudar, se for necessário, securitização de ativos ou até mesmo crescimento de capital. Tem várias alternativas que nós temos com o objetivo de poder equacionar esta questão caso entendamos que podemos colocar em risco nossa estratégia de crescimento.

Um dos pontos que consideramos ser mais prementes de ser resolvido agora é não no quesito Basileia, mas no outro indicador que está ao lado dele, que é o quesito crédito-depósitos. Ele já atingiu 97%, e um dos reflexos desse indicador foi uma mudança na política de captação do Banco do Brasil, que já implementamos a partir de julho, e todas as nossas redes estão voltadas para crescer fortemente depósitos a prazo, com o intuito de garantir a expansão dos ativos.

Então, nós temos pleno conforto de que vamos conseguir entregar a meta de crescimento desta carteira até o final do ano em função das medidas que estamos tomando, tanto no quesito Basileia, lógico, mas também no quesito crescimento de captação.

**Carlos Macedo:**

Perfeito. Minha pergunta quanto ao crescimento é outra, na verdade. Será que não deveria ser mais alto esse teto de crescimento do *guidance*, já que vocês cresceram 10% esse trimestre, um trimestre um ponto fora da curva, mas 4,5% nos próximos dois trimestres, tendo em vista os primeiros dois trimestres do ano, que tiveram um crescimento bem forte, parece ser um pouco baixo. Talvez pudesse ser 35% esse teto.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Você diz o quê? Crescimento da carteira de crédito ou teto do funding?



**Carlos Macedo:**

Da carteira de crédito.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

É, o crescimento da carteira de crédito só não vai ser maior porque nós vamos manter o crescimento da carteira de agronegócios estável, em um patamar de 20%. Ou seja, vai puxar essa carteira um pouco para baixo.

**Carlos Macedo:**

As outras carteiras devem ter um crescimento bem forte mesmo assim?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Sem dúvida alguma, em pessoa física, que é o foco do crescimento, estamos esperando um crescimento forte, vamos manter esse crescimento. Pessoa jurídica, micro e pequenas empresas e grandes empresas também, como vocês observou e as operações recentes foram anunciadas.

**Carlos Macedo:**

OK. Obrigado.

**Alcir Freitas, Itaú Corretora:**

Bom dia a todos. Eu gostaria de saber se vocês poderiam repassar um pouco, atualizar, qual é a visão de vocês em relação ao IPO de VisaNet, timing, se vocês ainda têm convicção de que deveria vir o IPO. E também se já existe um consenso entre os acionistas da VisaNet em algum sentido, se ele acontece este ano ou no ano que vem, enfim.

**Aldo Luiz Mendes:**

Infelizmente este é um assunto que nós não podemos comentar.

**Alcir Freitas:**

OK. Obrigado.

**Operadora:**

Não havendo mais perguntas, passo a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes para as considerações finais.

**Aldo Luiz Mendes:**

Agradeço a presença de todos. Se houver necessidade de informações adicionais, por favor, podem contatar nossa equipe de Relações com Investidores ou visitar nosso *website*. A todos um bom dia, muito obrigado, e até uma próxima oportunidade.



**Operadora:**

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no Portal Banco do Brasil, na página de Relações com Investidores. Obrigada pela participação. Tenham todos um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”